

Mafalda Ivo Cruz

PEQUENA EUROPA

1ª Edição

Lisboa, dezembro de 2016



Mariposa Azul

O MANICÓMIO

A SASKIA, O PADRE, O RAPAZ E O RUIVO

Ela abriu a mão e o martelo caiu no chão. Após várias horas de avaria, a luz voltou, e ela abriu a mão e largou o martelo. Caiu no chão, aos pés dela, com um som surdo. As coisas passaram-se assim.

Diante da porta aberta do quarto, o padre parecia mais pobre e mais sujo do que nunca. O padre de camisola preta e ela também de preto, com umas calças e uma sweat-shirt com o capuz enfiado, mal se via a cara. Pareciam um casal de meia-idade encurralado e desorientado, havia qualquer coisa de vil. Qualquer coisa que se mantinha, através de tudo, obscura em cada um deles, e que não parava de lutar com o outro.

O padre entrou no quarto com ela atrás, ligou a televisão e cortou-lhe o som. Imagens de carros de polícia, de ambulâncias e de uma multidão que fugia, logo seguidas por um grupo de homens sentados a uma mesa, num lugar que poderia ser uma cantina vazia ou um ginásio. Ela virou as costas e saiu do quarto. Ouviram-se as sandálias de sola compensada no corredor, deixou o martelo onde estava. Lá fora chovia ainda, era uma noite de Verão.

No dia seguinte, ao acordar, o rapaz passou que tempos a pensar em tudo aquilo. O momento em que os doentes e os enfermeiros começaram a descer as escadas no escuro. Desceram um lance, depois outro, e quando a luz voltou estavam de pé nos degraus.

Ele também lá estava, ofegante, com o cabelo colado à testa. Via-se, portanto, que tinha andado à chuva. Mas só ela é que poderia ter notado.

Sentado na cama calçou as botas devagar. Quando descia, ouviu uma voz estridente que partia do jardim: “Chegámos ao fim!”, mais não sei quê, não sei quê, apressou-se e ainda viu o monge altíssimo que se afastava no caminho de terra entre os canteiros, vestido com uma saia cor de vinho e um casaco preto todo manchado de pó. Levava um cesto, em princípio tinha vindo comprar ovos.

“As mulheres são como os ovos, abrem-se, e está sempre outra lá dentro, é como as matrioskas”. Era uma coisa que o padre ultimamente andava a repetir, porque lhe tinha dado para aí, mas não era dela, da Saskia, que falava quando fazia um gesto circular com a mão e acabava a frase com um “eh, eh!”. Parecia que não percebia bem o que dizia.

A conversa do monge tinha sido com o jardineiro que continuava à porta do anexo, sentado no banco com as mãos nos joelhos a olhar para o chão de terra batida.

O rapaz recuou e tornou a entrar pela porta de ferro pintada de branco, encostou-se à parede. Com frieza, recordou-se dos tiros na noite de sexta para sábado. Estupidamente, tinha imaginado cabeças humanas a rebentar como melancias, quando não era nada disso, e de resto o padre não estava lá. Não estava. Assim como não estava no gabinete. Recordou-se da voz vinda do gabinete: “São os demónios da Europa a acordar”. Às vezes vinha para a janela falar ao telefone e do lado de fora, mesmo por baixo, o rapaz fingia que tratava das roseiras e não perdia uma palavra do que ele dizia.

“As mulheres são como os ovos”, repetiu a voz do padre como se fosse em eco. O sol penetrava um pouco no corredor e nesse momento, encostado ali à parede como estava, incidia-lhe na cabeça. O ar cheirava bem.

Uma vez, o padre disse-me que o demónio vive aqui, no manicómio. Não estava lá. Porque eu, pensou ele como se estivesse a dirigir-se ao padre, era capaz de te reconhecer à distância no meio de uma multidão de milhares.

E mudou de expressão, os músculos da cara desenharam-se-lhe. Normalmente, nos dias de semana, saía de bicicleta, e falava alto entredentes, ria-se, ou enfurecia-se a percorrer a estrada velha entre o hospital e a cidade. Casas térreas, bermas com lama, postes, fios eléctricos, corvos. Céu, copas das árvores. Saía muito cedo, à sua volta ainda estava tudo na sombra. O padre sim, interessava-o, interessava-o mesmo muito; largo, entroncado, com o cabelo branco caído até abaixo dos ombros, os olhos entorpecidos, o torpor que às vezes emanava dele, aquela maneira de sorrir.

Chamou-me demónio. Demónio pequeno, filho de puta, hijito! Ooh! Sempre encostado à parede, baixou os olhos por causa do sol e fez um sorriso cruel. Era domingo, não tinha licença de sair. Os hábitos mantinham-se, apesar da situação excepcional que se vivia.

Voltou a subir a escada até ao terceiro andar, onde ficava o quarto em que dormia, uma cama estreita coberta com uma colcha de flores de vários vermelhos e castanhos, e uma cadeira. A janela estava aberta, sentou-se com as pernas estendidas no parapeito. Dali via bem o anexo e o jardineiro no banco, de cabeça baixa. Lá atrás o pomar, a cancela devia estar fechada.

No final da manhã, andou descalço a lavar o chão de mosaicos de um largo corredor entre a copa e o refeitório. Com os pés molhados, foi até à entrada da cozinha. Abandonados no balcão de mármore que terminava em três cubas, várias pilhas de pratos sujos, panelas e frigideiras. Numa das cubas, um par de ténis brancos. As moscas zumbiam, voavam em círculos. Cheirava a hortelã. O cheiro vinha de fora, das janelas escancaradas. Não fazia ideia de que nesse momento o pessoal já estava pronto para se ir embora, o que viria a acontecer mais ou menos uma semana depois. E sem fazer barulho voltou para o corredor, calçou-se, trouxe o balde e a esfregona e deixou-os num canto, junto à parede.

Quando ouviu o relógio dar meio-dia foi comer no anexo do

jardineiro.

Só às quatro da tarde é que se voltou a sentir uma certa agitação. Estava outra vez à janela com as pernas no parapeito, quando o padre passou para a missa, e o cabelo comprido esvoaçou-lhe nas costas como se fosse lã. Um minuto depois, passou o jardineiro. Normalmente, atrás deles seguiriam alguns dos doentes com pessoal do hospital e talvez mais alguém que estivesse ali de visita. Mas nesse dia, o átrio e o jardim foram literalmente invadidos em menos de meia hora e foi preciso abrir as portas da capela.

O padre já tinha expulsado de lá gente, pelo menos dois tipos, um alto e outro com uma mochila. Voltou lá para dentro, furibundo. Com mais ou menos meia hora de atraso, a missa começou. Quase todos os que ali estavam – eram centenas – aguentavam o calor com uma aparente resignação, embora com a espera e concentrados em tão pouco espaço o estado de espírito não pudesse senão vir a alterar-se. De facto, podia temer-se o pior. Ninguém, que ele soubesse, tinha chamado ainda a polícia para os conter, caso viesse a ser necessário.

Deixou-se ficar onde estava e pôs-se a imaginar a voz do padre, de costas para o altar: “É este o teu povo?” Eu? Vê lá mas é se tens tino, respondeu a si próprio, e pensou que o que sentia era dor. *Andei a passear e a pensar no Cristo.*¹

Um quarto de hora depois, a multidão lá em baixo já estava assanhada. Vozes altas, ameaças. Alguém tinha ligado um rádio, ouvia-se um noticiário, o som chegou lá acima ao terceiro andar, mas não devia penetrar no interior da capela, a voz do padre costumava abafar tudo. Espreguiçou-se a olhar para o céu insondavelmente azul de Setembro. Pensou outra vez na voz do padre.

“Ferimos profundamente Deus com a leviandade e a perseverança dos nossos pecados. Prestemos atenção à maravilha e à forma como

¹ Váslav Nijinsky, *Cahiers* (2). Paris: Ed. Actes Sud, 2000, p. 118. Tradução da autora.

o autor sagrado nos apresenta os sentimentos de Deus. Diz assim: naqueles dias o Senhor Deus, o Deus dos nossos pais (e hesitava), olhou para os príncipes, para os sacerdotes e para o povo. E o que é que ele viu? Viu que se multiplicaram as suas infidelidades (hesitava), os seus costumes tornavam-se abomináveis como os costumes das nações pagãs, no dia-a-dia, no Templo que o Senhor tinha consagrado para si e para o seu povo”. (E recomeçava). “Primeira ideia: Deus escandalizado e indignado com o pecado dos seus. Segunda ideia: para poder manifestar a sua cólera, Deus revê de uma maneira extraordinária a sua dor perante o desastre do povo e não se poupa a mandar mensageiros uns atrás dos outros. Mas eis que o povo escarnece dos mensageiros e se ri dos profetas, a tal ponto que deixou de haver remédio. (Pausa). Quase podemos dizer que esgotámos a paciência de Deus com a nossa maneira de proceder durante séculos, diante de Jesus, não reconhecendo o que é bom para nós, negamos o caminho da vida,” etc., etc.

Lembrava-se bem de a ver na capela, de pé, de braços cruzados, a primeira vez que tinha vindo ali ouvir o padre. E de onde foi que ela veio? Um dia começou a aparecer, sem mais nem menos.

“Sou a vida, sou o infinito”.

O hospital era distante de tudo e o rapaz só voltou a sair no dia seguinte, na segunda-feira de manhã. Saiu sem que ninguém desse conta como se fosse um dia igual aos outros, quando não era.

A visita da Saskia tinha sido na noite de sábado para domingo, e nessa segunda-feira às seis da manhã, as sombras pareciam mais lentas a retrair-se, o que no espírito dele só podia ser consequência de tudo o que tinha acontecido quer na sexta quer no sábado, quer no domingo; como se três dias de ventos ciclónicos tivessem varrido tudo da face da terra. O tempo é plástico, pensou consigo mesmo. Tinha uma maneira de articular o pensamento um pouco lenta e extravagante, como uma máquina que resiste apesar dos circuitos barulhentos. O tempo dilata-se ou contrai-se.

A Saskia, quando passou, deixou a porta aberta, a chuva molhou os mosaicos pretos e brancos do chão da entrada. Vinha furiosa, furiosa pelo corredor, “Adrian, Adrian! Adrian!” Ao recordar-se dos gritos cerrou os maxilares. “Não digas, sou uma criança”, disse a voz.

No escuro houve pânico, encontrões, vozes, exclamações surdas, alguns precipitaram-se para a escada e começaram a descer, e ele depois também lá estava nos degraus e também gritou de susto. Um susto causado pela volta inesperada da luz, susto esse, que a levou a ela a abrir a mão e a deixar escapar o martelo. E o tempo dilatou-se. Caiu ali, no corredor, ouviu-se a pancada. Como é que ela tinha a chave do portão? Ou veio do pomar e a cancela estava aberta, mas não, não podia, por causa do carro. Quando saiu, arrancou com os vidros todos abertos sem se ralar com a chuva.

O rapaz tinha resolvido não ir à missa porque tinha muito que fazer, muito chão que lavar, achava ele, mas acabou por passar que tempos ao sol, e por fim, quando desceu, não resistiu a entrar na capela. Entrou a custo, às cotoveladas. O padre diante do altar lia o Apocalipse do Evangelho segundo S. João.

“Porque o linho são as obras justas dos santos”. A voz vibrava, atroava. Por um instante distraiu-se e deixou de ouvir. Quando voltou a ouvir, o tom tinha mudado; era mais contido.

Foi então que lhe pareceu ver a Saskia no mesmo sítio onde estava da outra vez, encostada à coluna, perto da pia de água benta; hesitou, teve medo, virou a cara. Quando tornou a olhar, viu-a: era mesmo ela, sim, com dois sacos de lona aos pés, vestida de preto como na véspera, mas sem o casaco. O cabelo preso com travessões e ganchos, olhava para cima, para a pequena lucarna que havia trás do altar.

“Sou um servo, companheiro teu e dos teus irmãos”. A voz do padre.

A pia de água benta fê-lo pensar nas cubas da cozinha atulhadas de pratos e talheres que tinha visto nessa manhã.

–Trabalha com barro.

A voz dela, uns meses antes, sentada no confessionário. As sandálias apareciam debaixo dos jeans brancos esfiapados. Tinha qualquer coisa, talvez um número de telefone, escrito na coxa a esferográfica azul. Uma orelha aparecia de dentro de uma trança larga que caía sobre o ombro. És velha, pensou o rapaz com uma exasperação súbita. A pele cor-de-rosa e seca contrastava com a camisola amarela de mangas arregaçadas, e tinha um tarbush, um chapéu marroquino que só os homens em princípio usam, com um pequeno penacho de seda preta. O tecido vermelho do tarbush escureceu quando ela entrou na capela. Nessa altura as visitas ao hospital ainda eram novidade.

Tinha andado a passar cera no confessionário e ela foi sentar-se justamente na cadeira do confessor com a cortina vermelha encostada para um dos lados, o sol entrava a jorros. O padre andava de um lado para o outro com as mãos atrás das costas. Como sempre, conversavam sem reparar sequer que ele ali estava, com o balde e a esfregona. Portanto, a última vez que aquelas portas tinham estado abertas, tinha sido ele a abri-las depois de lavar o chão.

– E o tipo? – perguntava o padre.

– Escreve. É o Max.

– Escreve? – o padre riu-se. – Mas o que é que esse tipo escreve?

Com o balde e a esfregona saiu da capela para a sacristia, e ouviu-a rir também.

Ainda a voz do padre: – Escreve quando ela o deixa, coitado. Devia mas é interná-la.

Virou-se um instante, antes de desaparecer na escuridão da sacristia e viu-a rir. Lá fora o jardim parecia mais luminoso que

nunca e pairava um cheiro a detergente.

“Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”. O padre Adrian Vlazek fez a sua vénia. O cabelo comprido escorregou e segurou-o com a mão direita como se estivesse a agradecer com a mão no coração; saiu, seguido pelo jardineiro que também ajudava à missa. Cá fora tinham posto o volume do rádio no máximo: *ma-tár os cães!, ma-tár os cães!, ma-tár os cães!* misturava-se com os protestos dos que se empurravam na direcção da grande porta de madeira pintada de verde, que era chamada “a portaria”.

Em geral, a revolta atinge o auge e depois perde-se, na impaciência e na desorientação, a maior parte das vezes não acontece nada. Mas é preferível não esquecer que teve um início, que tem ciclos, e é substancialmente ira.

A cor do céu ainda aparecia difusa entre o cinzento e o verde, quando saiu na segunda-feira na bicicleta. Eram seis da manhã, ninguém lhe tinha falado do recolher obrigatório. Provavelmente, as camionetas que haviam de levar os doentes já se encontravam algures alinhadas num hangar.

Na véspera, depois de tudo ter sossegado nesse domingo interminável, tinha ido até ao extremo do jardim. Depois de olhar em volta, levantou uma pedra pesada, tirou duas notas que tinha embrulhado em plástico e meteu-as no bolso.

Agora, à medida que se aproximava da cidade, o lixo ia aumentando nas bermas, mas ele nem via, eram coisas e horas familiares. Costumava entrar pelo lado norte e passar pelos contentores.

Vive lá uma fauna estranha, dizia o padre, num tom lento, comedido, curvado para cima de uma mesa coberta com uma modesta toalha de xadrez já muito usada.

Naquele dia em que andava com a das matrioskas e das mulheres que pareciam ovos, tinha ido fazer uma visita a uns quilómetros de distância, e tinha depois mandado vir o rapaz do hospital com

uma caixa de garrafas de vinho. Foi a pé.

O padre recebeu-o de mangas arregaçadas, debaixo de um guarda-sol verde, sentado numa cadeira de lona, com um parente, ou amigo, ou conhecido ou fosse lá o que fosse, ao lado. Era o anfitrião do padre que gostava de ser convidado e honrado. De preferência por criaturas mentalmente degradadas, mas que transmitiam uma força activa e destrutiva, da qual, como de muitas outras coisas, o padre não se devia dar bem conta. Naquele caso, o anfitrião era um velho de óculos, muito magro, que olhava com dureza. No instante em que ele chegou, ria e levantava o copo a fazer uma saúde. E o padre disse, “vive lá uma fauna estranha”, a referir-se aos contentores que se encontravam ali, do lado Norte. Talvez estivessem a falar de refugiados ou de ciganos.

Assim que recebeu o caixote de garrafas das mãos do rapaz, o padre pareceu humilhado e um pouco fora de si. Se calhar não estava muito à vontade com o velho que devia falar de sexo como quem mastiga um guisado e cheirar à obscenidade das cozinhas antigas onde havia verdadeiro sangue e verdadeiro crime. Já ele reconheceu-o logo, soube logo de que é que era feito. Onde foi que Abraão levantou a pedra para sacrificar o seu filho Isaac? Onde é que se matam as galinhas e os cabritos e há sempre fornos a trabalhar? Na cozinha. Na cozinha que é sempre um local supremo de sofrimento.

E quem seria? Um antigo proxeneta que andou pelas margens do Nilo ou do Jordão a traficar droga e porcarias, e depois desceu até à Etiópia, à Eritreia, ao Mar Vermelho, “chère maman, il me faudrait” _____ manuais de engenharia, tratados de física _____ contra a solidão, “tu comprends, maman?”, e ela respondia, “mais reviens, reviens nous donc!”. A grande experiência espiritual é o assassinato, disse o rapaz a si próprio. Mesmo magro e curvado, o velho infundia respeito, era inegável. Como se não fosse um homem, mas uma entidade, uma pura energia.

Foi mandado embora com uma palmada nas costas, quando

o sol ainda aparecia por cima das nuvens baixas. Depois, vinha a andar como costumava, devagar e a olhar para o chão, quando começou a chover e a trovejar. Teve de correr à chuva todo o resto do caminho e às tantas, sem deixar de correr, pôs-se a gritar debaixo dos trovões e dos relâmpagos.

“As mulheres são como os ovos”.

Ao longo dos anos, era o que se dizia, o padre Vlazek tinha acabado por coleccionar, entre as doentes mais novas, um número considerável de parceiras de cama.

Tinha uma lista de aleijadas e de doidas que passavam a vida a persegui-lo, uma das quais tinha sido a mãe do rapaz, de quem se dizia – era a versão oficial – que tinha fugido. Por outro lado, havia quem dissesse que as companheiras de enfermaria a tinham morto à pancada por causa de histórias de ciúmes com o padre, que nessa altura era dezoito anos mais novo e já tinha tido que a meter na ordem; e até andava, na época, teria o rapaz dois anos mais ou menos, a pensar em mandá-la de volta à penitenciária, porque aquilo ali já era um inferno. Dizia-se, portanto, que não tinha resistido à fúria das rivais. As rivais, eram umas adolescentes com bochechas cor-de rosa e umas maneiras peculiares de andar e de falar; passavam o tempo a ver, e a imitar os ranchos folclóricos da televisão, nessa época havia um concurso entre as várias províncias do país. Não, não era filho do padre, porque a mãe já tinha chegado ali grávida. Mas falava-se, claro, nasceu e cresceu ali, não tinha mais família, e para bem ou para mal, foi o padre que o educou. Hijo! Hijito! Ni-co!

Lembrava-se também, mais ou menos na mesma altura, do jardineiro, que ele seguia o tempo todo pelo jardim, a dizer-lhe, enquanto aparava as sebes de buxo, que não se assustasse com os gritos das meninas, as vitelinhas, como ele dizia, nem com a voz disparatamente exultante do padre, a gritar-lhes que Deus!, as via, e as conhecia a todas!, esta, aquela, a outra, e que mais valia

que pensassem em si próprias como sacos de vísceras, ou cabeças de vento cheias de taras, e que o que Deus!, queria delas, era que abrissem as pernas e estivessem quietas. No fundo é o que Deus, na sua misteriosa teia de razões, quer de qualquer crente, dizia o jardineiro. E explicava-lhe que o ambiente nos hospitais psiquiátricos era o mesmo em toda a parte. Só se tem essa noção, dizia ele com sobriedade, mas via-se que gostava da expressão “ter noção”, só se tem essa noção a partir do momento em que os doentes ficam a sós com o pessoal e os médicos, quando já não há testemunhas, e piscava-lhe o olho.

Se o rapaz, como doente mental que era já com certeza, viesse no futuro a conhecer outras instituições, teria ocasião de ver com os seus próprios olhos que os manicómios são autênticos vulcões, e que a vida, a totalidade da vida, se passa ali em poucos segundos como numa guerra nuclear.

De resto, se elas berravam, as vitelinhas, continuava ele, era a voz da humanidade que nascia delas, ou renascia, como renasce a toda a hora e em toda a parte, banalmente como as águas que atravessavam os subterrâneos das cidades, a história humana não tem nada de bonito. E essa voz, portanto, dizia o jardineiro, havia de se fortalecer, assim como as caras cheias de lágrimas haviam de serenar.

E as vitelinhas haviam de se transformar nuns mulherões capazes de lutar pelo triunfo da revolução e da ditadura do proletariado; terminava a olhar de lado para a sebe, a ver onde é que havia de cortar. Quê? O rapaz de boca aberta, ajoelhado no chão, com as mãos cheias de terra deitava-lhe olhares lancinantes, e o outro concluía num tom circunspecto: isto, sabes? A vida é complicada.

Nessa manhã de segunda-feira não se tinha ainda cruzado com ninguém na estrada. Pouco depois havia de passar um camião de militares, passou e olharam para ele enquanto o céu clareava. Sentiu-se fraco e perdido no mundo. Mais um quilómetro e lá

estavam as fábricas desafectadas, rodeadas de uma vegetação morta que parecia palha. E a voz sussurrou de novo: “não digas, sou uma criança.”

“Esperei pela Saskia”, respondeu a falar alto. E continuou em pensamento: a mala ficou na cave ao lado do biombo. Há um monte de roupa, sempre roupa por todo o lado, trapos. “Ordenou a Adão e a Eva que se cobrissem!”, e não sei mais o quê, suor, medo, dor. Via-se a descer as escadas à procura de um interruptor no escuro.

“É impossível dizer tudo a respeito de seja o que for”, disse em voz alta. E andou, pedalou mais um bom bocado. E a Saskia como é que tinha entrado no sábado?

“As mulheres são como os ovos”, gritou o padre à janela do gabinete. Deve ter lá andado a comer a Saskia, mas aí fecha a janela, e não é uma vitelinha, é uma vaca.

A pedalar, foi passando pelos graffitis nas paredes dos edifícios abandonados, eram enormes, as janelas altas com os vidros todos partidos continuavam absurdamente abertas e metiam-lhe medo. Atrás de uma cerca de madeira, duas cabras amarradas a uma estaca pastavam na erva, no meio do lixo; à distância ouvia-se um motor a trabalhar. O motor parou. Só as grandes torres eólicas continuavam a girar no horizonte.

Uma vez o padre tinha-o levado ao jardim zoológico. Ainda era pequeno, mas lembrava-se bem de estar de mão dada com ele diante de uma fossa de macacos que não paravam de saltar e de guinchar. A fossa tinha-lhe parecido gigantesca.

– Vês, Nico? É aqui que se dá a revelação divina, é aqui que Deus fala connosco; através do corpo, sempre a partir do corpo. E acrescentou, com os olhos marejados de lágrimas, que nós, os eleitos, somos poucos.

Descia a encosta do bairro de barracas. Lembrava-se dessas lágrimas, e de que o padre tremia dos pés à cabeça. “Nós, os eleitos.”

Costumava esperar, sentado no passeio, que o correio abrisse

as portas e tinha tempo para pensar nestas coisas. Trazia consigo a correspondência dos doentes. Cartas escritas à mão, porque o padre não lhes dava o direito de mexer em computadores. Tinha de haver internet no hospital, já se sabe, e aqueles monstros passavam o tempo a tentar esquemas para chegar aos sites pornográficos, e até a coisas bem piores. Não senhor, falam ao telefone, dizia o padre. Para isso tinha mandado fazer tabelas com dias fixos e andava sempre a vigiar. Aliás, do que ele mais gostava era de aparecer de surpresa, gritar com eles cara a cara. O rapaz ficou meditativo. Ele, os outros, tu, até o som das palavras em certos dias parecia estranho. Ratos, há lá ratos, na cave, continuava a seguir sempre a mesma linha sinuosa, até que era interrompido. Alguém abria a porta do correio e dava-lhe os bons-dias.

Depois, em geral, quando saía do edifício, descia pelo meio dos antigos carris do eléctrico com o saco de cabedal a tiracolo. Para se divertir, tirava os pés dos pedais e assobiava, fazia ruídos com a boca. Raparigas de farda azul costumavam estar ali sentadas nuns degraus, riam-se dele com gestos obscenos.

Sempre por caminhos ínvios, pelo menos para ele os caminhos eram “ínvios”, palavra que tinha obviamente ouvido ao jardineiro.

Mas quem persegue quem? E teria inimigos, o padre, ou nem sequer?

“Eu não sou como os outros”, disse em voz alta. Depois realizou que o termo “eu” escapava mais uma vez à sua compreensão. Mas ele (eu), e o ruivo, “ma chère maman, je vais te tuer!”, o ruivo, que já devia àquela hora estar na loja a combinar uns negócios de merda e ele ansioso por lá chegar. A idade de um doente mental é irrelevante, em princípio morre-se novo. Mas ele e o ruivo eram livres. Livres de ir e de vir, de dar ordens, de “mandar matar!”, estacou, com a bicicleta, pôs os pés no chão.